

***Akudama Drive*: um retrato de dilemas pós-modernos e da construção de um regime opressor¹**

Esther Sousa e SOUSA²

Neuma Líbia Magalhães SILVA³

Rebecca Narriê Franco FERREIRA⁴

Dinarte Varela BEZERRA⁵

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

Para alguns autores, é evidente que a nova configuração humana global se baseia no conceito de pós-modernidade, que se remete às maneiras como indivíduo e sociedade sofrem transformações profundas em pouco tempo, e as novas tecnologias de comunicação, fruto desse cenário, exercem notável influência no processo. Embora a nova era abra espaço para esses debates mais profundos, os avanços tecnológicos também abriram espaço para a disseminação de ideais antidemocráticos e na defesa de regimes opressores, como o fascismo. Assim, o presente trabalho objetiva explorar a confluência dessas teses a partir da análise da trama do anime *Akudama Drive* (2020).

PALAVRAS-CHAVE: *Akudama Drive*; avanços tecnológicos; pós-modernidade; comunicação; regime opressor.

INTRODUÇÃO

Akudama Drive é uma animação japonesa (popularmente conhecida como anime) lançada em 2020, produzida pelas empresas *Pierrot* e *Too kyo Games* e dirigida por Tomohisa Taguchi. A história escrita por Kazutaka Kodaka se passa em um Japão pós-guerra futurístico, onde um governo opressor busca o controle da população por meio da polícia e da disseminação dos ideais pró-regime.

O nome da obra faz referência aos protagonistas, um grupo de criminosos que estão na mira dos executores, equipe designada para manter a ordem civil por meio da violência.

A profundidade do enredo permite a visualização do totalitarismo, uma política destrutiva capaz de encontrar espaços em um mundo globalizado e cercado por avanços

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (Comunicação, cultura e internet), evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Graduanda do 6º período de Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa – PB. E-mail: esther.sousa@academico.ufpb.br

³ Graduanda do 6º período de Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa – PB. E-mail: neuma.magalhaes@academico.ufpb.br

⁴ Graduanda do 6º período de Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa – PB. E-mail: rebecca.narrie@academico.ufpb.br

⁵ Orientador do trabalho. Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa – PB. E-mail: dinarteb@gmail.com

tecnológicos nunca antes registrados. Todo o tecido social é vítima de processos como alienação e homogeneização, os quais sufocam as potencialidades da vida e da mente humana. Com isso, o presente trabalho analisará fatos marcantes do enredo de *Akudama Drive* a partir da crítica à política de Estado opressora e da configuração pós-moderna de análise, estudada por Bauman (2013) e Hall (2020).

SOCIEDADE HOMOGENEIZADA VS. INDIVÍDUOS MULTIFACETADOS

Essa ficção científica começa com um Japão dividido entre Kanto, a parte rica e dominante, e Kansai, o lado pobre e submisso. O início dos acontecimentos se dá nessa parte menos privilegiada. Hall (2020) faz uma demarcação da organização social das chamadas sociedades tradicionais que permite compreender como o anime retrata a relação de poder entre territórios.

Em retorno às configurações feudais e modernas, baseadas na estratificação dos grupos sociais, a organização de Kansai controla os cidadãos, numa tentativa de manter o status quo de dominação por meio da alienação e da instituição de ídolos.

Durante a guerra que causou essa ruptura territorial, Kanto bombardeou e destruiu Kansai, mas posteriormente, enviou suprimentos e ajuda, uma “gentileza” disfarçada de instrumento de controle. Além dos auxílios, o catálogo televisivo da cidade (novas tecnologias também foram oferecidas como “reparação”) exhibe constantemente um programa com mensagens que domesticam a mente dos indivíduos, apresentado por personagens lúdicos (um coelho rosa e um tubarão azul).

Outro aparato é o *Shinkansen*, o trem que liga fisicamente as regiões. Com a implantação da ideia de perfeição do território “nobre” e a exuberância do meio de transporte, a população venera o veículo como o novo deus dessa realidade.

Para circularem pela cidade, os cidadãos têm um selo e é chamado por um número, não um nome próprio, o que demonstra o forte empenho de se tratar uma sociedade como um único organismo, limitando as individualidades.

Todas essas medidas objetivam manter as mentes das pessoas em uma esfera universal e não-plural. Os seres humanos entendiam a si mesmos de maneiras pré-determinadas, afinal, “Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida” (HALL, 2020, p.16).

Em meio a esse contexto, surgem dissidentes, que causam desordem social, os *akudamas* (em japonês, ‘cara mau’). Eles cometem crimes e são perseguidos pelos executores, grupo de agentes treinados friamente para manterem a ordem social a partir da violência. Embora representem uma oposição ao processo de domesticação populacional, eles estão condicionados pelo que Bauman (2011) define como a utopia da pós-modernidade:

A caça é uma atividade de tempo integral no palco da modernidade líquida. Ela consome uma quantidade incomum de atenção e energia, deixando pouco tempo para qualquer outra coisa. Distrai a atenção do caráter inerentemente infundável da tarefa e adia para as calendras gregas - para uma data inexistente - o momento da reflexão e da percepção face a face da impossibilidade de sua realização [BAUMAN, 2013, p.31].

Personagens como “Mensageiro”, “Lutador”, “*Hacker*”, “Médica” e “Degolador” estão imersos em uma jornada que os leva à infundável busca pela próxima missão, sem abrirem espaço para refletirem ou criarem conexões significativas. Esse movimento voltado para a ação constante é um dos desafios da modernidade tardia, pois, em meio às inúmeras possibilidades do ser, a falta de direcionamento gera o isolamento individual.

CRISE DE NACIONALIDADE E O MITO DA SALVAÇÃO PELA TECNOLOGIA

Com a globalização e a internet, as fronteiras geográficas foram dissolvidas simbolicamente, encurtando o acesso ao que ocorre em outros territórios. Sobre isso, Bauman (2013) explica que: “O tempo realmente passa, e o truque é manter o mesmo ritmo dele. Se você não quer afundar, deve continuar surfando, ou seja, continuar mudando, com tanta frequência quanto possível, o guarda-roupa, a mobília, o papel de parede, a aparência e os hábitos - em suma, você” (p.27).

Em *Akudama Drive*, o personagem ‘*Hacker*’ evoca tais discussões. Conhecido na cidade e entre os rebeldes por sua capacidade de invadir e controlar tecnologias de ponta, ele é uma peça importante para a concretização dos objetivos da missão principal. No entanto, no meio do caminho, desistiu de tudo para viver em Kanto, seu maior desejo.

O relato dele expressa novos dilemas advindos do pensamento pós-moderno, especificamente em questões referentes à nacionalidade. Tendo vivido por muito tempo num lugar altamente controlador, que sufocava o desenvolvimento individual, o *'Hacker'* não sente apego ou identificação onde nasceu. Em Hall (2020), entende-se que: “Uma cultura nacional é um *discurso* - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (p. 31).

Assim, o autor discorre como, na modernidade tardia, os símbolos que demarcavam uma nação enquanto cultura e território se enfraqueceram frente à aldeia global e ao intercâmbio entre pessoas e localidades. As tradições, embora ainda sejam cultivadas, e a dinâmica de Kansai reforça isso, não possuem a força de outrora, o que implica em problemas para gerar uma unificação. Por vezes, assim como no anime, essa coesão é forçada a partir da coerção estatal.

O *'Hacker'*, como subversivo à ordem vigente, não segue a massa de cidade natal, nem se identifica com o que é propagado. Mesmo que a ideia de nacionalidade seja difusa, é visto como fenômeno atual a busca de indivíduos por se encontrarem em grupos. “As identidades nacionais permanecem fortes, especialmente com respeito a coisas como direitos legais e de cidadania, mas as identidades locais, regionais e comunitárias têm se tornado mais importantes” [HALL, 2020, p. 42].

Também é necessário salientar que o *'Hacker'* demonstra grande fascínio, em virtude do seu ofício, pelas tecnologias cada vez mais complexas. Sem a solidez da religião ou de figuras políticas, os indivíduos se agarram a qualquer coisa que signifique algum tipo de segurança. O personagem é confrontado com suas ideias da nova cidade, e junto à protagonista, desmascara os verdadeiros propósitos da classe alta e do governo de Kansai, os quais enganaram tanto eles e a sociedade. Nesse processo, ele encontra novos aportes para identidade e vida dele, ao ponto de arriscar o que tinha para trazer a verdade à tona.

OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO COMO VETORES DA PROPAGANDA DO GOVERNO

A brutalidade e frieza dos acontecimentos durante o anime são contrastadas com o aparecimento de dois personagens: um coelho rosa e um tubarão azul. A princípio,

eles parecem ser inofensivas criaturas que apresentam um programa infantil, mas inseridos nessa imensa trama política retratada, tornam-se mecanismos de controle de toda Kansai.

Ao longo dos episódios, o coelho e o tubarão oferecem ao espectador a mesma experiência dos personagens da trama. Em todas as televisões da cidade, o programa com os aparentemente inofensivos apresentadores repassa, em linguagem acessível e simplificada, com o auxílio de desenhos e efeitos sonoros, as palavras do Estado.

Nesse meio, a ‘Golpista’, protagonista da história, era apenas uma parte dessa massa, obedecendo às regras que lhe eram naturalizadas com a constante reafirmação do governo pelos meios de comunicação e pela imponente polícia. A concepção dos roteiristas acerca desse mecanismo se inspira em experiências como a do fascismo.

O Ur-Fascismo é baseado em um populismo seletivo, um populismo qualitativo, poderíamos dizer. Numa democracia, os cidadãos têm direitos individuais, mas os cidadãos na sua totalidade têm um impacto político apenas de um ponto de vista quantitativo - um segue as decisões da maioria. Para o urofascismo, no entanto, indivíduos como indivíduos não têm direitos, e o povo é concebido como uma qualidade, uma entidade monolítica que expressa a vontade comum. Como nenhuma grande quantidade de seres humanos pode ter uma vontade comum, o Líder finge ser seu intérprete [ECO, 2002, p.10].

O programa educativo popular, simbolicamente, representa o que o governo pretende proteger e impor. A analogia é tão ampla que, à medida que os *akudamas* se aproximam de descobrir os segredos sobre Kanto, os apresentadores mudam o tom da propaganda e, sutilmente, questionam entre si mesmos a veracidade dos discursos proferidos diariamente pela televisão.

O ápice desse processo acontece simultaneamente à descoberta da protagonista enquanto um indivíduo e uma vítima daquela sociedade. ‘Golpista’ foi arrastada para o grupo de *akudamas* sem o mínimo preparo físico ou estratégico para sobreviver na posição de inimigo do sistema. Contudo, ela descobre que a vida “normal” era mais predatória do que imaginava. Todos eram condicionados ao pensamento de massa, de serem parte de algo maior, mais importante do que qualquer ambição individual.

Assim, o público – a sociedade – é cotidiana e sistematicamente colocado diante de uma realidade artificialmente criada pela imprensa e que se contradiz, se contrapõe e frequentemente se superpõe e domina a realidade real que ele vive e conhece. Como o público é fragmentado no leitor ou no telespectador individual, ele só percebe a contradição quando se trata da infinitesimal parcela de realidade da qual ele é protagonista, testemunha ou agente direto, e que, portanto, conhece. [ABRAMO, 2016, p. 38].

Ao ser arrancada da realidade criada pelo governo, a protagonista pôde, enfim, ter ciência de si e da política nacional. Assim, na cena em que o assassinato da ‘Golpista’ é televisionado para toda Kansai, o arco narrativo dela explicita a continuidade da revolução, e também a libertação das individualidades.

A supressão identitária de um domínio retrógrado e opressor encerra os indivíduos em uma vida fechada na expressão de uma vontade única, suprimindo as experiências internas e externas que não podem, ou não deveriam ser, generalizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como trabalhado ao longo do texto, regimes opressores não nascem da noite para o dia. Estes demandam, especialmente, um desenvolvido aparato comunicacional. Por mais armados que sejam, é necessário que os dominadores incutem nas mentes oprimidas que os ideais fascistas estão corretos.

Os episódios também debatem as novas possibilidades de existência que os pensadores da pós-modernidade estruturaram teoricamente. Na prática, é possível observar que os fenômenos de avanços tecnológicos e da globalização modificaram noções há muito engessadas, e permitiram às pessoas a abertura para olharem para si mesmas e para os outros como vetores de constantes mudanças e protagonistas de inúmeros jeitos de viver.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. 2. ed.. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016.

AKUDAMA Drive. Direção de Tomohisa Taguchi. Japão: Estúdios Pierrot Co., Ltd. e Too kyo Games, 2020. Anime disponível nas plataformas Amazon Prime Video e Crunchyroll. Acesso em: 26 abr. 2023.

BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013

ECO, Umberto. **O Fascismo Eterno**. Tradução: Eliana Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.